

Aprender com as experiências é crucial para impulsionar a Agroecologia

Experiências bem-sucedidas em Agroecologia existem em todas as partes do mundo: é o que mostra a farta documentação feita durante mais de 30 anos pela Fundação Ilea e seus parceiros da Rede AgriCulturas. Frequentemente essas experiências produzem resultados significativos que contribuem de forma consistente para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). No entanto, elas só poderão sair do isolamento e alcançar escalas maiores quando houver um ambiente institucional propício para seu desenvolvimento.

Coen Reijntjes e Edith van Walsum

A identificação e a documentação de iniciativas em Agroecologia, assim como a disseminação das lições aprendidas, constituem uma fonte crucial de conhecimento e inspiração para o movimento agroecológico. Essa foi sempre a abordagem central do Ilea. Embora a fundação tenha fechado as portas em 2017, esse enfoque permanece vivo e agora ocupa – merecidamente – um espaço central no debate sobre disseminação da Agroecologia. Nesta breve reflexão, pretendemos reconstituir alguns elementos dessa trajetória passada, mas também olhar para o futuro.

Em 1984, vários profissionais holandeses atuantes no campo do desenvolvimento voltaram para casa com a mesma impressão, após suas primeiras experiências de trabalho na África: os agricultores com quem haviam trabalhado não se beneficiavam do enfoque da extensão rural e da pesquisa agrícola adotado para introduzir a agricultura *moderna*, orientada para o mercado e dependente de insumos externos, como fertilizantes químicos, agrotóxicos, sementes e raças comerciais, irrigação intensiva e outras tecnologias baseadas na ciência e em modelos universalizantes. Considerando as condições específicas de pequenos agricultores em áreas de agricultura dependente de chuva, esses insumos externos eram muito dispendiosos, muitas vezes não disponíveis, não adequa-

dos e cheios de riscos para a saúde e o meio ambiente. Essa observação levou-os à seguinte questão: os agricultores poderiam se beneficiar ao compartilhar suas ideias sobre práticas de agricultura ecológica ao redor do mundo? O grupo holandês criou então o Ilea, uma organização que visava compartilhar informações sobre o que se convencionou chamar de Agricultura Sustentável e de Baixo Uso de Insumos Externos (Leisa, na sigla em inglês). O seu boletim *Ilea* facilitou o intercâmbio das lições das experiências existentes e atualmente é publicado na forma da revista *Farming Matters*.

Aprendendo com as práticas dos agricultores No final da década de 1980, um grupo pioneiro de ativistas e estudiosos, incluindo os membros fundadores do Ilea, tomou como ponto de partida o Desenvolvimento Participativo de Tecnologia (PTD, na sigla em inglês): um processo de aprendizagem coletiva em que agricultores e cientistas combinam conhecimento tradicional e científico. O respeito pelas práticas, pelas sementes, pelas raças e pelos saberes tradicionais e locais dos agricultores os encoraja e fortalece o processo de experimentação de tecnologias e conceitos que atendam a suas condições, cultura e economia próprias. Profissionais do desenvolvimento e da extensão rural, bem como cientistas, podem apoiar esses processos com

suas habilidades, conhecimentos e influência.

O trabalho inicial desse grupo incluiu a documentação sistemática das práticas dos agricultores que produziam em comunhão com a natureza para regenerar os recursos disponíveis localmente. Agricultores, pesquisadores e profissionais se reuniram para combinar seus conhecimentos e abordar conjuntamente questões ligadas ao manejo da água, do solo e das pragas, à conservação da agrobiodiversidade, às práticas agroflorestais, ao uso e conservação de sementes e raças tradicionais, etc. Em 1992, todos os conceitos *novos* e *antigos* explorados ao longo de décadas foram reunidos no livro *Agricultura para o Futuro*, que foi traduzido para sete idiomas (inclusive para o português, pela AS-PTA) e tornou-se uma referência importante no crescente acervo do conhecimento sobre a agricultura de base ecológica, que hoje é chamada de *Agroecologia*.

Rumo a um ambiente institucional propício

O *Ileia* identificou organizações em diferentes partes do mundo que trabalhavam com perspectivas semelhantes em seus países e regiões. Ao articular essas organizações, a fundação abriu canais de comunicação para que o conhecimento sobre experiências práticas fluísse por todos os continentes. Inspiradas pela experiência da revista editada na Holanda (em inglês), algumas organizações começaram a desenvolver suas próprias revistas regionais em diferentes idiomas, formando a Rede AgriCulturas. As lições apreendidas por meio dessa documentação sistemática das experiências dos agricultores não só levaram à criação das revistas, mas também incidiram sobre as propostas de políticas apresentadas em fóruns internacionais, como a Rio + 20, simpósios da FAO sobre agricultura familiar e Agroecologia, a Convenção das Nações Unidas sobre Desertificação e outras de abrangência internacional e nacionais.

Experiências bem-sucedidas podem ser encontradas em todos os recantos do planeta. As práticas e iniciativas existentes são muitas vezes poderosas, envolvem muitas pessoas e produzem resultados consistentes que contri-

Valorizando o conhecimento tradicional

Na edição de novembro de 1985 da revista do *Ileia*, Hans e Ana Carlier afirmaram: *Os agricultores podem resolver a maioria dos próprios problemas quando você os ajuda a recuperar sua autoconfiança, que foi destruída ao longo de muitos anos do chamado desenvolvimento. E completaram: O conhecimento tradicional se perde simplesmente devido ao silêncio em torno das experiências das comunidades rurais. Nas universidades, ninguém fala sobre agricultura, sistemas alimentares ou medicina tradicionais. Mesmo os antropólogos não estão interessados na tecnologia da sobrevivência dos camponeses. A cultura dos agricultores de pequena escala não aparece em meios de comunicação de massa, escolas agrícolas ou estações de pesquisa. Essas são as principais razões pelas quais os camponeses perdem a autoconfiança e, conseqüentemente, suas tradições e suas habilidades para se adaptar às mudanças constantes nas condições em que vivem.*

Ao refletirmos sobre essas afirmações, percebemos que muita coisa mudou desde 1985. Os camponeses agora têm uma voz muito mais forte e o conhecimento tradicional já não é silenciado, graças ao trabalho que muitas pessoas em todo o mundo realizaram nos últimos 30 anos.

buem para alcançar os ODS. Compreender as razões por que determinadas práticas funcionam é um passo fundamental na disseminação da Agroecologia. Mas não é suficiente. Se o ambiente institucional não mudar, essas experiências permanecerão isoladas e em pequena escala. Marcos políticos e legislativos favoráveis de âmbito territorial, nacional e internacional, assim como uma base de apoio no seio da sociedade, são fundamentais para que as experiências em Agroecologia cresçam, se disseminem e ganhem escala.

Coen Reijntjes (c_j.reijntjes@planet.nl) foi editor da Fundação *Ileia* entre 1985 e 2003. **Edith van Walsum** (em. van.walsum@gmail.com) foi diretora do *Ileia* entre 2007 e 2017.

In Memoriam: Sue Edwards

Foi com profundo pesar que recebemos a notícia do falecimento de Sue Edwards em fevereiro de 2018. Nós a conhecemos como uma das mais generosas, leais, criativas, dedicadas e amorosas defensoras da Agroecologia.

Sue experimentou vários métodos agroecológicos e trabalhou com afinco para disseminá-los entre milhares de agricultores na Etiópia, provando que a Agroecologia funciona melhor do que a agricultura industrial. Ela levou para a Etiópia a tecnologia denominada “empurra e puxa” (push-pull) e também o sistema de intensificação do arroz – o qual ela tentou aplicar em outras culturas. Ambas as abordagens constituem práticas agroecológicas inovadoras, como destacado nesta edição especial. Sue iniciou uma instituição de ensino em Agroecologia em sua biblioteca que se tornou famosa em toda a África. Foi também uma lutadora incansável pelos direitos das mulheres e dos jovens. Ela é uma das cinco pessoas que recebeu o Organic One World Lifetime Achievement Award, distinção concedida pela Ifoam para personalidades que deram contribuições extraordinárias ao desenvolvimento da agricultura orgânica no mundo. Sue continuará inspirando o movimento pela Agroecologia.

Million Belay (Etiópia), pela Rede AgriCulturas
Markus Arbenz (Alemanha), pela Ifoam - Organics International

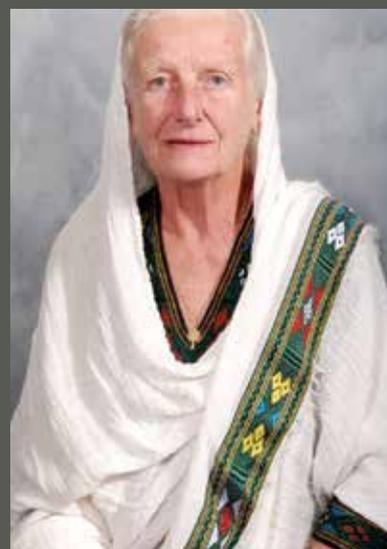


Foto: Gaia Foundation